

El contenido de esta obra es una contribución del autor al repositorio digital de la Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador, por tanto el autor tiene exclusiva responsabilidad sobre el mismo y no necesariamente refleja los puntos de vista de la UASB.
Este trabajo se almacena bajo una licencia de distribución no exclusiva otorgada por el autor al repositorio, y con licencia Creative Commons – Reconocimiento de créditos-No comercial-Sin obras derivadas 3.0 Ecuador



**Epidemiologia Crítica
Ciencia emancipadora e interculturalidade
de Jaime Breilh
Prefacio a Edicao Brasileira**

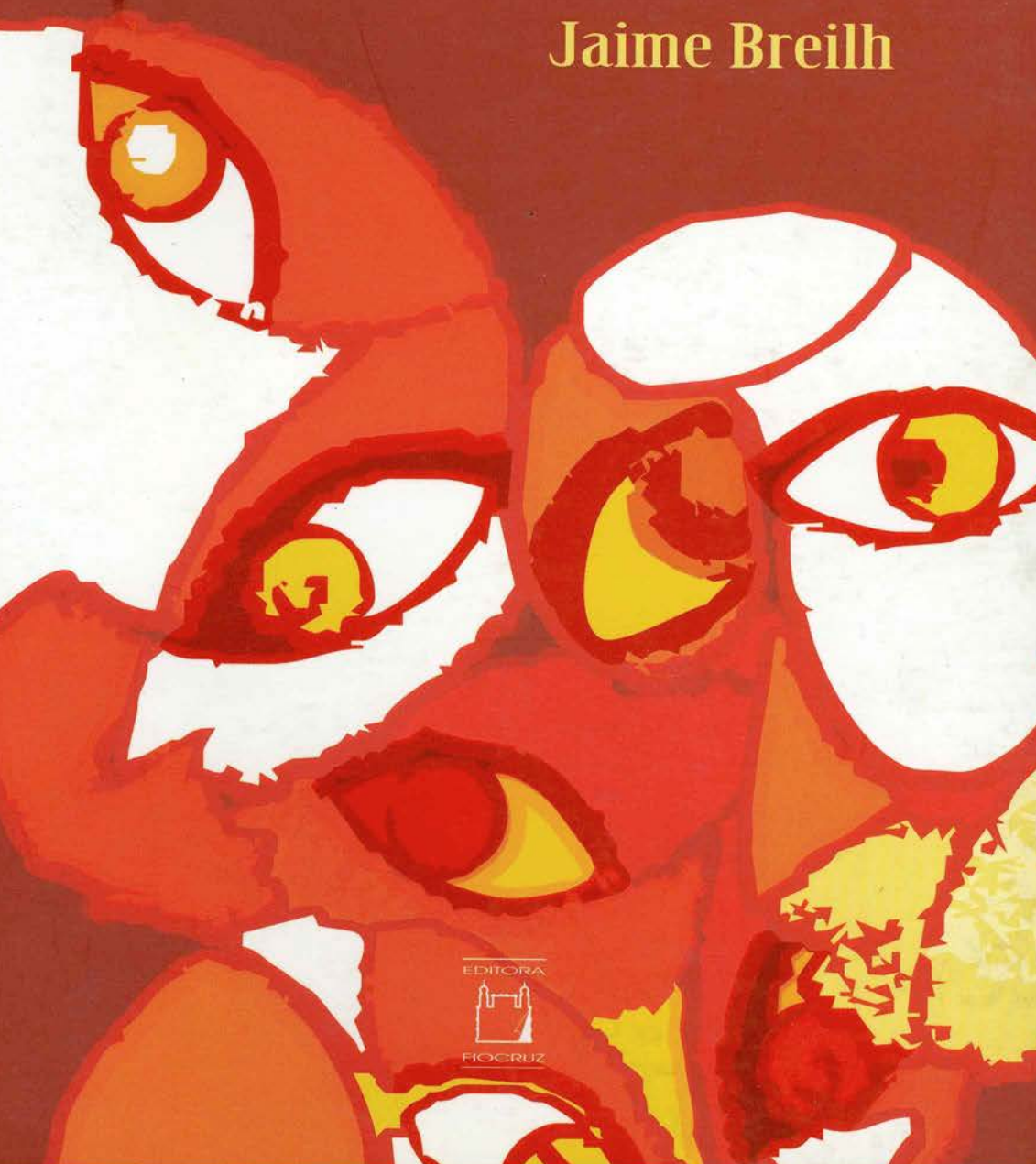
Paulo Marchiori Buss

2006

Epidemiologia Crítica

ciência emancipadora e interculturalidade

Jaime Breilh



EDITORA



FIOCRUZ

Epidemiologia Crítica, de Jaime Breilh, é, em grande medida, uma soma e uma síntese de um longo processo: a soma de um processo de exploração, bifurcações, modificações, mutações, avanços e reflexões que foram criando uma concepção que é, sem sombra de dúvida, uma das presenças teóricas mais importantes que tem a América Latina, mais especificamente o Equador, no mundo científico. Esta obra é também uma síntese, porque consegue integrar todas essas tendências, todas essas concepções, todos esses avanços e retrocessos numa análise riquíssima e de grande significação.

O livro se move em vários níveis: é uma teoria social e uma crítica social; é uma epistemologia e uma epistemologia crítica; é uma teoria da saúde e uma crítica aos seus paradigmas fundamentais, especialmente o paradigma do risco; e, em grande medida, todos esses níveis estão articulados, a tal ponto que às vezes sentimos que a teoria social é uma teoria da saúde e vice-versa.

Uma característica importante é que esta obra se insere numa tradição aberta das ciências sociais críticas. Isso é importante porque, quando reflexões como o marxismo se fecham, é inevitável que morram, ao passo que, quando se abrem, elas revigoram seu próprio pensamento e revitalizam as outras formas de pensar. Trata-se de um texto que se baseia na epistemologia, entendida como um problema político, ou seja, como um problema obviamente científico, obviamente teórico, mas que supõe relações de poder. A tese do paradigma enuncia precisamente isso – as relações de poder que definem o que uma comunidade científica pensa num dado momento: quais são não apenas as correntes teóricas de interpretação, mas sobretudo as perguntas.

Outro elemento central aqui exposto é a crítica ao positivismo, à fragmentação, à visão superficial, ao reducionismo, ao empirismo a partir do qual se olha apenas para a superfície da vida social; ao mesmo tempo o texto de Breilh se coloca como uma crítica aos monismos, aos propósitos de toda sorte de explicações totalizantes.

Quanto ao problema da interculturalidade e do multiculturalismo, este trabalho o examina em diferentes níveis. Mas também é preciso dar conta do processo em seu conjunto: como entender os problemas da etnia, os problemas nacionais, nas novas condições de globalização? Creio que diversos pontos convergem para o debate que será exposto no texto que temos em mãos.

Para mim, foi um enorme prazer: é um texto que traz imensa satisfação e que surpreende, apesar de sua complexidade. Penso que este livro cumpre seu compromisso de nos expor uma ciência emancipadora, que procura refletir sobre as condições de construção de um projeto contra-hegemônico; trata-se, no momento em que estamos vivendo, de uma contribuição extremamente significativa.

Alejandro Morano

Sociólogo; um dos mais importantes expoentes das ciências sociais equatorianas e da América Latina.

JAIME BREILH

Médico, doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal da Bahia (Ufba), doutor *honoris causa* da Universidad Nacional de Cajamarca, Peru. É diretor do Centro de Estudos e Assessoria em Saúde (Ceas, Equador) e da *Maestría Internacional en Salud con Enfoque de Ecosistemas* (Universidades de Columbia Britânica, Canadá; Cuenca, Machala y Bolívar, Equador). É um dos fundadores do movimento latino-americano da nova saúde pública e autor, dentre outros livros, de *Epidemiología, economía, política e saúde*.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente

Paulo Marchiori Buss

Vice-Presidente de Ensino, Informação e Comunicação

Maria do Carmo Leal

EDITORA FIOCRUZ

Diretora

Maria do Carmo Leal

Editor Executivo

João Carlos Canossa Mendes

Editores Científicos

Nísia Trindade Lima

Ricardo Ventura Santos

Conselho Editorial

Carlos E. A. Coimbra Jr.

Gerson Oliveira Penna

Gilberto Hochman

Lígia Vieira da Silva

Maria Cecília de Souza Minayo

Maria Elizabeth Lopes Moreira

Pedro Lagerblad de Oliveira

Ricardo Lourenço de Oliveira

JAIME BREILH

EPIDEMIOLOGIA CRÍTICA

CIÊNCIA EMANCIPADORA E INTERCULTURALIDADE

TRADUÇÃO
Vera Ribeiro

REVISÃO TÉCNICA
Luis David Castiel



Copyright © 2006 do autor
Todos os direitos desta edição reservados à
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ / EDITORA

ISBN: 85-7541-095-4

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Carlos Fernando Reis & Adriana Carvalho

Revisão, copidesque e normalização de originais
Janaína de Souza Silva

Catálogo-na-fonte
Centro de Informação Científica e Tecnológica
Biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

B835e Breilh, Jaime

Epidemiologia crítica: ciência emancipadora e interculturalidade.
/Jaime Breilh. Rio de Janeiro : Editora FIOCRUZ, 2006.
317p., graf.

1.Epidemiologia. 2.Saúde pública. I.Título.

CDD - 20.ed. - 614.49

2006
EDITORA FIOCRUZ
Av. Brasil, 4036 - sala 112 - Manguinhos
21040-361 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3882-9039 e 3882-9041
Telefax: (21) 3882-9006
e-mail: editora@fiocruz.br
<http://www.fiocruz.br/editora>



Para *Cristina*,
síntese do sentido profundo a que aspiro
para minha vida.

Para *María Cristina* e *María José*,
demonstração de que o amor solidário
continua a existir.

Voz da identidade

*Estou no mesmo ponto, porém cada vez mais fundo.
Sempre golpeando para dentro, para dentro, buscando.
A América Latina tem sua própria raiz, que é necessário arrancar
e encontrar para dizermos nossas coisas,
para nos expressarmos com nossa própria voz (...)*

Guayasamín, *Pintor de América*

Voz do presente

*Tudo existe e se move sob uma única lei – a vida.
Ninguém está separado de ninguém
Ninguém luta sozinho (...)
A angústia e a dor, o prazer e a morte
Não são mais do que um processo para existir.*

Frida Kahlo, *Síntesis de la Fuerza de la Vida*

Voz da utopia

*Somos o que fazemos,
mas, acima de tudo,
o que fazemos para mudar o que somos.*

León Giego, *Cantautor de la Utopía*

Sumário

Prefácio à Edição Brasileira	11
Prólogo à Edição Original	13
Apresentação à Edição Brasileira	19
Introdução	21
1. Episteme e Práxis Social: como se transformam, avançam ou retrocedem os conceitos científicos	87
2. Sujeito Histórico e Sujeito da Ciência: fratura e emancipação	99
3. Complexidade e Realismo Dialético	113
4. Obstáculos e Possibilidades diante de uma Epidemiologia sem Memória e sem Sonhos: balanço preliminar de um debate	131
5. Dois Casos de Hegemonia por meio da Epidemiologia	155
6. Bases para uma Epidemiologia Contra-Hegemônica	165
7. Da Epidemiologia Linear à Epidemiologia Dialética	191
8. Projeto Ilustrativo: neo-humanismo popular em ação – avanços na epidemiologia crítica da intoxicação por pesticidas	219
Considerações Finais: a epidemiologia como práxis emancipadora	259
Apêndice	287
Referências Bibliográficas	297

Prefácio à Edição Brasileira

Epidemiologia Crítica: ciência emancipadora e interculturalidade é o novo livro de Jaime Breilh, um dos mais importantes pensadores da epidemiologia social latino-americana, que tenho a honra e a satisfação de prefaciar, pela grande admiração científica, ética, intelectual e pessoal que tenho por ele.

Autor de vários livros sobre o tema, dentre os quais alguns traduzidos para o português com grande aceitação pelo público especializado do Brasil, como é o caso do livro *Epidemiologia: economia, medicina e política*, sua contribuição ao desenvolvimento desta área do conhecimento tem-se expressado também em diversas outras frentes. A criação e a permanência do seu Centro de Estudos e Assessoria em Saúde (Ceas), no Equador, mostram sua face de líder e organizador. A intensa participação na docência em diversas instituições continentais, entre as quais devemos ressaltar as brasileiras, incluindo a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) –, onde Breilh proferiu conferências e cursos em diversas ocasiões – é outro exemplo de sua dedicação à ciência e de sua notável contribuição ao desenvolvimento da epidemiologia social.

Impossível olvidar, ainda, sua militância política nos movimentos da saúde coletiva continental. Recentemente Breilh foi o editor do *Informe Alternativo sobre Saúde na América Latina*, editado pelo Ceas, com a contribuição inclusive de autores da Fiocruz. De outro lado, sua militância social se expressa na própria escolha dos objetos dos seus estudos, sempre os excluídos, sejam os indígenas do seu país, sejam os sem-voz das atividades laborais equatorianas.

Assim que, estamos diante de um autor excepcional, que tem conseguido conciliar pesquisa, docência e militância política de forma harmônica e criativa, por isso mesmo sendo considerado um dos criadores e um dos principais nomes da epidemiologia social continental.

O presente livro está organizado em oito capítulos, e tem uma introdução bastante elucidativa sobre sua proposta, além de um apêndice, uma apresenta-

ção feita para a edição brasileira e um prólogo, escrito pelo professor Everardo Duarte Nunes, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A bibliografia, um capítulo à parte, tem cerca de 300 referências e constitui uma excelente base de referência para todos os interessados na epidemiologia crítica ou social.

Entre muitos temas de alto relevo para o debate contemporâneo da epidemiologia, o autor discute a questão dos modos de vida confrontado com os fatores causais de risco, bem como as categorias de determinação e indeterminação, quantitativo e qualitativo, assim como as questões das necessidades em saúde e os modelos de desenvolvimento humano. Abordados do ângulo da epidemiologia, tais temas recebem uma especial contribuição, original e capaz de avançar o debate.

A literatura disponível no Brasil se ressentia ainda de uma contribuição como esta que Breilh coloca à disposição dos seus leitores. No ponto em que se encontra o debate da epidemiologia no país, esta publicação é muito bem-vinda, por ser ilustrativa de uma contribuição original, profundamente marcada pela experiência do autor na formulação e na práxis de uma epidemiologia já testada na realidade latino-americana.

Paulo Marchiori Buss

Professor da Escola Nacional de Saúde
Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz) e
presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

Prólogo à Edição Original

Epidemiologia Crítica é um livro que demonstra o profundo conhecimento do autor, não somente sobre o tema específico que ele aborda, mas sobre diversos campos do saber: biológico, filosófico, epistemológico, sociológico, antropológico e político. Mais ainda, a maior projeção ou sentido do modelo interpretativo que ele nos propõe estabelece-se justamente no entrecruzamento desses campos teóricos, com sua trama de relações.

Para o autor, a construção de 'uma nova ciência, crítica e multicultural', não se limita a 'um novo arranjo de velhas idéias e fórmulas funcionalistas, vestidas com a roupagem sedutora de uma tecnologia de ponta'; trata-se da elaboração de um projeto complexo e desafiador de inovação teórica e prática. Um projeto audacioso, que alcança plenos resultados, como fruto da competência, erudição e árduo trabalho de investigação de um pesquisador que tem influenciado a saúde pública ou saúde coletiva da América Latina.

Certamente, outros trabalhos serão escritos por Jaime Breilh, mas, em minha percepção, este livro oferece não apenas uma síntese de sua trajetória na discussão da epidemiologia, como também um avanço em relação a suas propostas para o conjunto da medicina social iniciadas na década de 1970. Talvez pareça óbvia esta constatação do espírito de renovação a que o autor submete seu próprio projeto de conhecimento, mas essa maneira de trabalhar faz parte, precisamente, de sua trajetória intelectual, situando-o constantemente como um intelectual de sua época, que dialetiza com freqüência seu conhecimento com a realidade, e o faz sem esquecer os leigos que caminham e participam do mundo vivo.

O livro encadeia oito capítulos densos. Uma introdução detalhada oferece ao leitor uma orientação para acompanhar a análise epistemológica de Breilh, apresentando uma multiplicidade de idéias que evidenciam a estreita relação

que o autor estabelece entre a construção epidemiológica dessa 'epidemiologia crítica' e uma concepção emancipadora da práxis, que tem por base o 'espaço e o tempo do saber'. É um trabalho extremamente bem concatenado, e nele, como diriam Bruyne e seus colaboradores (1977), os pólos epistemológico, teórico, morfológico e técnico necessários a uma investigação interagem dialeticamente, oferecendo a oportunidade de acompanharmos um processo de construção de um projeto teórico e de exemplos empíricos que se completam harmoniosamente.

Como explicaram os autores citados, "o campo da pesquisa inscreve-se desde o início, e ao longo de toda a sua elaboração, num ambiente societário, mais denso do que aquele em que se ajustam todas as práticas sociais". Nas palavras de Bunge, "a organização social da pesquisa não escapa aos conflitos políticos e sociais (...), pois os cientistas não estão acima ou ao largo da disputa social e política; ao mesmo tempo, sua ciência não se reduz à ideologia dos autores confrontados (...)".

Dáí resulta o ambiente em quatro campos que me parece oportuno citar aqui, pois, do meu ponto de vista, este livro os aborda com clareza: o campo da demanda social, o campo axiológico, o campo doxológico e o campo epistêmico. Não há necessidade de nos estendermos sobre eles, cabendo apenas assinalar que, em sua inter-relação, eles contribuem para a possibilidade de construção de uma sociologia ou de uma política da ciência. O autor que aqui comentamos não desconhece a problemática da construção científica e, dentre os inúmeros pontos abordados em seu trabalho, destaca-se e se coloca como um ponto-chave para o campo da saúde coletiva e da epidemiologia, a fim de, como ele afirma, aperfeiçoar nossa consciência objetiva dos novos problemas de uma realidade muito complexa e caracterizada por uma espiral de inequidade* crescente, mas fazê-lo trabalhando simultaneamente em prol de uma consciência da subjetividade como ferramenta de impulso coletivo".

No intuito de materializar esse pressuposto básico, o autor afirma que, para se criar uma nova perspectiva para o campo da saúde, "entram em jogo algumas definições-chave". Como tais, ele cita: a 'teoria da necessidade', as 'concepções sobre os direitos humanos', as 'categorias e formas de interpretar a qualidade de vida e seus determinantes', os 'preceitos e mecanismos da segurança humana' e a 'elasticidade das operações preventivas e das ações em prol da saúde'. Assim, as questões científicas e políticas somam-se às questões éticas – que Breilh denomina com uma expressão muito feliz: 'a ética do modo de vida'.

Em minha opinião, é nessa interface da ciência, da política e da ética que transita a construção que se propõe para a epidemiologia. Entendo que essas

* Inequidade [*inequidad*] é um neologismo do autor, que ele mesmo explicará mais adiante (Nota da Tradução).

três dimensões constituem as bases de uma epistemologia como reflexão e de uma ciência como processo. Citar o autor nesse ponto é imperativo, porque, para ele, a construção de uma nova epidemiologia requer um trabalho 'que se ocupe das reformulações ontológicas, epistemológicas e praxiológicas'. Ao longo de sua introdução, ele vai expondo e elaborando seu próprio projeto, trazendo para dentro da discussão as questões que, tanto no campo geral do conhecimento quanto no campo específico da saúde, vêm constituindo um desafio para os estudiosos.

Ao recorrer a uma extensa bibliografia e percorrê-la com seu estudo, ele a submete a um juízo crítico, revelando, ao mesmo tempo, a originalidade de suas próprias posições. Breilh retoma o problema do objetivismo e do subjetivismo, das relações macro e micro da determinação dos fenômenos da saúde, e analisa de forma bastante clara os limites reducionistas da polarização dessas dimensões, quando vistas de maneira isolada. Por outro lado, ao abordar o objeto 'saúde', expõe didaticamente como esse objeto complexo se dimensiona e se ordena, ontológica, epistemológica e praxiologicamente.

Destaco que, ao se opor a uma visão reducionista da saúde, o autor volta-se para um ponto que me parece fundamental em sua elaborada construção desse objeto: o de que a complexidade e a multidimensionalidade exigem dos epidemiologistas (e, por extensão, de outros estudiosos, obviamente incluindo os das áreas das ciências humanas) uma perspectiva que a analise como construção intercultural e interdisciplinar.

Como afirmei anteriormente, ao concatenar uma série de idéias (que se vão detalhando ao longo do livro), Breilh expõe seus objetivos. Decerto não temos a pretensão de revelar todos os detalhes da obra, até porque esta foi elaborada com aspectos cuja especificidade ultrapassa os limites de minha competência. Mas, ao tomar a obra em sua totalidade (parafrazeando a postura do autor, que entende a totalidade, no caso da análise da saúde e da epidemiologia, como ruptura), percebemos um trabalho bem encadeado, assim como o sucesso de serem trazidas para o campo da saúde as contribuições mais recentes da nova epistemologia da ciência, em vozes como as de Edgar Morin e Boaventura de Souza Santos. Como assinala Breilh, tais pensadores apontam para quatro linhas de inovação da ciência e de seu método: a) a luta contra o reducionismo empírico e formal quantitativista; b) a luta contra o predomínio da racionalidade eurocêntrica e androcêntrica, contra a uniculturalidade da ciência; c) a luta contra o predomínio de teorias que poderíamos chamar de 'totalizantes', ou de mega-relatos impositivos; d) a luta por uma reformulação da relação entre o conhecimento acadêmico — que é tomado por expressão única do saber científico — e o conhecimento popular. A transcrição desses pontos torna-se importante em meu comentário porque têm sido um aspecto fundamental das discussões no campo das ciências

humanas, que se voltam, como escreve Theotônio dos Santos, para desafios que exigem “uma reformulação do paradigma científico vigente”. Esses desafios não só afetam o *corpus* do conhecimento básico, ou da ciência exata (*hard science*), como se estendem a diversas áreas do conhecimento aplicado, como no caso da sociologia da saúde. Assim, textos recentes, como os de Annandale (1998) e Cockerham (2001), destacam a importância da construção de uma teoria crítica da saúde e da doença e, como ressalta Annandale, sua importância para o estudo das desigualdades na saúde, na estrutura de classes, no gênero, na raça e na etnicidade.

Não se trata de analisar ponto a ponto as questões que o autor apresenta com propriedade e conhecimento, mas não podemos deixar de salientar e dar destaque a algumas colocações fundamentais para a compreensão da saúde. Eu lembraria, por exemplo, a distinção entre ‘uma teoria totalizante sobre a saúde’ e uma ‘construção de uma narrativa metacrítica, ou metadiscorso, que compreenda a realidade como totalidade’. Pelo que se pode depreender, a construção de uma teoria geral da saúde só seria possível por meio de uma narrativa metacrítica, baseada numa proposta intercultural. Para Breilh, a saúde coletiva deveria integrar os conhecimentos de base científica e os formulados pelas próprias culturas, o que redundaria, em minha opinião, num saber ampliado em suas elaborações e aplicações. Para chegar a esse ponto, ele resgata sua trajetória de construção teórica e de trabalho sobre a saúde como um processo multidimensional, tomando como categoria central, inicialmente, a de reprodução social, e como proposta interpretativa, a de perfil epidemiológico, e enfatizando, num primeiro momento, a noção de classe social. Como relata o autor, posteriormente serão incorporados processos como o de gênero e o étnico, para a compreensão da inequidade e de seu resultado, a desigualdade.

Como já foi assinalado, acompanhar esse trabalho é fazer uma viagem pelo interior de um campo de conhecimento que Breilh vai desvelando e revelando, não apenas como os muitos guias que mostram somente belas paisagens e ressaltam os caminhos já percorridos, mas descobrindo panoramas novos e atraentes. Nessa viagem, há lembranças carinhosas dos que muito contribuíram para essa caminhada da medicina social latino-americana – Juan César García, María Isabel Rodríguez, Miguel Márquez, os companheiros do Centro de Estudos e Assessoria em Saúde (Ceas), Cristina Laurell, Pedro Castellanos e tantos outros que integram essa história: Naomar de Almeida-Filho, Juan Samaja, Rita Barradas, Maurício Barreto. Nesse exercício de resgate e renovação do pensar epidemiológico, o autor vai reafirmando seus próprios objetivos de ‘apoiar o processo de construção de uma epidemiologia metacrítica e multicultural’. Mas isso não basta, pois tal epidemiologia deverá trabalhar na inserção do fazer epidemiológico na construção da equidade e na disso-

lução do poder, uma epidemiologia que abra sua ação para todo o conjunto de processos da reprodução social, articulando-se com o fazer de um bloco social solidário, de tal modo que suas ações se concatenem tanto com a totalidade social quanto com o local.

Em todos os capítulos, Breilh vai fundamentando de forma detalhada sua construção a favor de uma epidemiologia crítica, acrescentando elementos conceituais e fortalecendo sua concepção de uma epidemiologia crítica oposta a uma epidemiologia oficial ou conservadora, numa dimensão epistemológica que se aprofunda na análise das relações objeto-sujeito, dentro do referencial do que o autor denomina 'perspectiva teórica do realismo dialético'. Não se trata de retomar questões já amplamente discutidas pelos epidemiologistas (Barata, Ayres) sobre as fronteiras do saber, usando a terminologia foucaultiana, e de determinar em que estado se encontra a epidemiologia, pois se presume seu caráter de ciência em cuja pesquisa não se prescinde de variáveis e modelos matemáticos. O próprio autor enfatiza a necessidade de "triangulação de processos metodológicos atributivos e formais, de raciocínios econômicos, sociais e antropológicos, de recursos das ciências sociais ligados aos das ciências biológicas (...)".

São muitos os aspectos que tornam obrigatória a leitura deste livro para os estudiosos do campo da saúde, mas, como já dissemos, apresentamos comentários gerais e destacamos apenas os pontos que nos parecem básicos. Não se pode deixar de assinalar que a intensa formulação teórica é respaldada por um extenso trabalho de campo, realizado pelo autor e pelos grupos de pesquisadores do Ceas. Neste livro, Breilh aplica o novo referencial epidemiológico ao caso concreto da intoxicação por pesticidas, estudando de forma detalhada a epidemiologia do trabalho com flores.

Uma das demandas que persistem frente ao campo da saúde coletiva é a necessidade de elaborar teoricamente seus objetos. Nesse sentido, o livro cumpre esse papel de maneira cabal, buscando não só construir academicamente uma perspectiva para a epidemiologia, mas associando esse conhecimento ao do saber popular. Ao retomar o trabalho de outros pesquisadores, em especial Menéndez, com sua sugestão de uma epidemiologia sintética (complementação da epidemiologia convencional com a popular), ou de uma epidemiologia comunitária como a proposta por Tognoni, além de outras sugeridas por outros criadores, Breilh enfatiza uma nova epidemiologia, que se coloque a partir da sociedade civil dos oprimidos, dos comitês de ação das organizações e sindicatos de trabalhadores, das organizações de vizinhos e de bairros, das associações comunitárias, dos espaços democráticos do mundo acadêmico e dos órgãos de desenvolvimento social, bem como das fissuras democráticas do próprio Estado, para poder enfrentar o poder capitalista que se recria e se respalda a partir do próprio Estado, como aparelho que concentra e canaliza, nos planos jurídico e administrativo, a dominação de classe de uma sociedade.

Não tenho dúvida de que este trabalho ilustra de maneira exemplar o que propõe a teoria crítica, tanto no sentido do que significa a palavra 'crítica' quanto no que se refere à crítica interna (análise rigorosa da argumentação e do método) e quanto ao que constitui o sentido da relação entre as análises das condições de regulação social, desigualdade e poder. No livro, as contribuições trazidas pela perspectiva do multiculturalismo crítico, do enfoque interdisciplinar e de uma nova intersubjetividade são, entre outras coisas, as marcas de sua originalidade.

Se, para o autor, foi de extrema complexidade elaborar um trabalho tão cuidadoso, não foi fácil para nós a tarefa de argumentar sobre ele. Ao concluir sua leitura, somos capturados pelas provocações e argumentos no que se refere ao campo da saúde coletiva, diante da nova epidemiologia. Essa 'epidemiologia crítica', por sua amplitude e complexidade, leva a supor que convém repensarmos a estrutura e a organização da saúde coletiva, tanto academicamente quanto nos processos de intervenção. É uma nova projeção da epidemiologia, que sem dúvida caminhará de mãos dadas com as novas conquistas que vão sendo feitas em campos como os da sociologia, da antropologia e das ciências políticas, cujos avanços teóricos foram importantes e crescentes nos últimos anos.

Ao terminar a leitura deste livro, ressurge uma interrogação teórica que é fundamental elucidar: essa 'epidemiologia emancipadora' constitui outro paradigma, ou será, antes, um novo modelo de organização/institucionalização da epidemiologia? Esta última opção aparece quando recordamos que as bases dessa 'teoria crítica' já estavam construídas desde os anos 30 do século passado (refiro-me à Escola de Frankfurt, em especial no que se refere ao fato de que seus integrantes estabeleceram o quanto o valor de uma teoria depende de sua relação com a prática).

Não há dúvida de que este trabalho de Jaime Breilh é dotado de profunda originalidade e é de importante projeção para diversas áreas da saúde coletiva.

Everardo Duarte Nunes

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Campinas, julho de 2002

Eis uma obra de fundamental importância por trazer para o público leitor das áreas da saúde coletiva mais do que questões e reflexões: pelo viés da epidemiologia, desenha uma nova crítica, articulando o campo da ciência com a realidade política, sem deixar de considerar seus aspectos éticos mediadores. Dessa forma, busca construir uma epidemiologia referenciada na própria sociedade, através de ações contra-hegemônicas, num lastro que vai dos sindicatos de trabalhadores às contradições no interior do próprio Estado, passando por todos os movimentos vivos da sociedade civil em que vicejem espaços democráticos, “para poder enfrentar o poder capitalista que se recria e se respalda a partir do próprio Estado, como aparelho que concentra e canaliza, nos planos jurídico e administrativo, a dominação de classe de uma sociedade”.

A troca de saberes que passa pela integração cultural de um “bloco social de emancipação” com o conhecimento científico acadêmico constrói uma epidemiologia crítica renovadora dos modos de produção da vida.

Ary Carvalho de Miranda

Vice-presidente de Serviços de Referência e Ambiente da
Fundação Oswaldo Cruz

ISBN 85-7541-095-4



9 788575 410950